

ARTICULAÇÕES E PERSPECTIVAS SOBRE RAÇA E CULTURA: DE ESPETÁCULO DAS RAÇAS A AMAZONIA, EL RÍO TIENE VOCÊS

¹Luan do Lago Duarte

A cultura de um povo é um conjunto de símbolos, rituais e práticas, que possibilitam seu entendimento do mundo. Ou seja, entender uma cultura é entender como um grupo social infere, produz e reproduz a realidade dentro do que conhece como **realidade**. O *choque de culturas* (seria possível, inclusive, dizer “choque de realidades”) acontece quando duas perspectivas/cosmovisões são confrontadas, seja no plano físico (quando indivíduos de povos diferentes se conhecem e comparam seus conhecimentos) quanto no plano discursivo/epistemológico (quando uma pessoa de um grupo sociocultural tem ciência de outro através de uma narrativa *deste* povo ou *sobre este* povo). É preciso notar, inclusive, uma terceira tipologia desta colisão: quando um povo descobre a cultura de seus antepassados por narrativas destes ou sobre seus antepassados. Neste triunvirato de variedades, sempre novos saberes são construídos e apresentados.

Os saberes construídos e apresentados em *Amazônia: as vozes do rio: imaginário e modernização*, da professora chilena Ana Pizarro, compreendem como os povos amazônidas brasileiros e não-brasileiros (visto que a região compreende oito dos treze países da América do Sul, além da Guiana Francesa) e suas práticas sociais em diferentes âmbitos foram vistos, sabidos, entendidos, assimilados e, de certa maneira, ressignificados por europeus (portugueses e espanhóis) à época da colonização americana, europeus da modernidade e sul-americanos contemporâneos. O eixo comum destes três atores é reconhecer a importância da Amazônia quanto ao que podem tirar dela, independente do que seus habitantes pensem sobre a questão da exploração.

Contudo, enquanto a alteridade é baseada em ver o outro – o *não-eu* enquanto *eu* –, é necessário entender a Amazônia como uma multiplicidade de modos de pensar e viver coexistentes na região para saber o que e como estes povos são, demandam, compreendem e sentem o mundo no qual estão inseridos enquanto seres vivos e pensantes, se poderia pensar que o texto de Ana Pizarro também contemplaria o quanto os povos amazônidas originários (não desconsiderando os que foram constituídos após as alterações socioeconômicas, culturais oriundas da chegada dos europeus ao continente) fariam de si a

¹ Especializando quanto ao Ensino de Língua Portuguesa – Universidade do Estado do Pará – UEPA
Mestrando do Programa Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos – PPGIELA UNILA
Du-arte@outlook.com.br

partir de suas origens e relações com os demais habitantes da região. Desta forma, seria possível ter uma ideia de suas identidades particulares e então identidades nacionais, a partir de muitos conjuntos de valores, princípios, religiosidades e ordenamentos civilizatórios que se tornam novos valores, princípios, religiosidades e ordenamentos civilizatórios. O que, infelizmente, não acontece.

No tocante a estas “identidades ‘particulares’” e “identidades ‘nacionais’”, lembramos que, uma vez que o deslocamento de grupos humanos é característica fundamental da construção, formação e história de quaisquer sociedades, certamente não seria diferente com povos amazônicos. Tomamos como exemplo a migração de venezuelanos para o Brasil em decorrência da crise humanitária na Venezuela (em decorrência do embargo econômico promovido ao país pelos Estados Unidos). Estes refugiados chegam ao Brasil através da fronteira entre Santa Elena de Uairén, na Venezuela, e Pacaraima, no estado de Roraima. A ironia da questão reside nos estadunidenses não estarem compreendidos em nenhum dos três atores mencionados no segundo parágrafo, apesar de compartilhar a perspectiva de “reconhecer a importância da Amazônia quanto ao que podem tirar dela, independente do que seus habitantes pensem sobre a questão da exploração”.

Quando se pensa nestes venezuelanos, considerando o texto de Ana Pizarro, pode-se perguntar: como os demais amazônidas veem estes venezuelanos? Como eles exercem sua cultura local enquanto imigrantes? O quanto eles (não) deixam de ser venezuelanos por (não) exercerem sua cultura nacional?

, considerando

à luz da obra resumida

primeira análise

m

A construção, formação e história do povo brasileiro é desde os primórdios marcada pelos deslocamentos humanos, movimentos dos povos originários e povos estrangeiros, que em sua maioria são forçados pela precariedade dos meios de vida, por condições violadoras da

dignidade da pessoa humana a mudarem-se. Cada uma das pessoas que se desloca dos seus locais de origem sonha com uma vida melhor para si e para os seus, um trabalho melhor, condições de saúde, estudo, assistência social e segurança melhores sobretudo

O
vos
esde

tanto quanto por
Entende-se que
dade

“Percebe os sujeitos como históricos, datados, concretos, marcados por uma cultura como criadores de idéias e consciência que, ao produzirem e reproduzirem a realidade social, são ao mesmo tempo produzidos e reproduzidos por ela (Freitas, 1996).” Assim como, “encorajado por múltiplas razões, sendo a mais importante de todas, a necessidade de colocar em evidência uma área geográfica-cultural ainda pouco conhecida nos estudos culturais do continente, o que claramente destoa da sua importância no destino do continente sul-americano e do mundo”

As aulas, principalmente as da área de humanas, têm que, sem negar o específico, extrapolá-lo. Têm que dialogar com o entorno, entorno ideológico, cultural, artístico, discursivo. Acredito na inter e na transdisciplinaridade como possibilidade real para sair da mesmice, como trilhas experimentais, como saídas da zona de segurança. Acredito no diálogo interartes, mesmo porque não há como fugir dele. A evolução das teorias críticas mostra que determinados conceitos estéticos, filosóficos, artísticos nasceram com prazo de validade marcado. São como certos remédios. Funcionam em casos e contextos específicos, mas podem ser perniciosos e até mesmo letais se aplicados em excesso ou aleatoriamente. Em outros termos, determinados conceitos não se aplicam no universo da arte (e, aqui, especificamente, da Literatura) de forma global e ampla. Literatura, como toda Arte, é mais que um conteúdo, ou um tema, é, também, forma. E toda forma, toda estrutura, tem que estar

em consonância com o seu conteúdo. Não existe arte revolucionária se a forma também não for revolucionária, já afirmava o poeta russo Maiakovsky.

A crítica autêntica é a que submete a nossa subjetividade a um processo minimamente racional. Mas isso é muito difícil. Não conseguimos nos livrar inteiramente da nossa subjetividade. Procuramos sempre, de alguma forma, hierarquizar. Assim, vulgar e erroneamente, hierarquizamos meios de expressão (línguas e linguagens em franco processo competitivo), conceitos de valores (ter valendo mais que ser), linguagens artísticas (uma arte sendo considerada superior a outra), saberes científicos (um campo científico sendo mais valorizado que outro), e assim por diante.

Com base na obra de Lília Scwars e fazendo sua leitura não tanto minuciosa, podemos entender a relevância e transformações de teorias raciais no Brasil no que se refere aos anos de 1870 a 1930, como a argumentação racial é política e também histórica, assim como o conceito de raça que é definido biologicamente, mas que acaba ganhando uma interpretação sobretudo racial, logo para entendermos esse momento em que surge as teorias raciais no nosso país, seria necessário então refletirmos como e de que forma surgiu esse pensamento racial, logo é necessário então fazer reflexão sobre o pensamento racial brasileiro e qu foi adaptado ao modelo europeu, no século XIX formando assim (para eles), uma “nação ideal”.

Poderíamos citar então os diversos estabelecimentos de ensino e pesquisa da época, no primeiro capítulo traz um pouco sobre a difusão da ciência e que fala a respeito sobre a missão de refletir sobre a nação brasileira e seu futuro, além de lutarem pelo progresso científico da nação Brasil, trazendo também diversas idealizações europeias, já no segundo capítulo, podemos perceber a história das diferenças de se portar, sobre as doutrinas raciais do século XIX, e que faz um adento sobre as teorias evolucionistas, positivistas, Darwinismo-social entre outras teorias “raciais” europeias e como estas começaram a serem difundidas no Brasil, especialmente a partir de 1870, estas passando por adaptações, sendo modificadas, atualizadas a maioria com contextos políticos e sociais de época, constituindo assim, uma argumentação racial sobre a nação brasileira. A autora também trabalha a questão dos museus etnográficos brasileiros, cujos museus são “cópias” dos museus europeus, um tanto destes, mas que não tem o trabalho de somente guardar a memória do país, mas também pode-se ver como instrumento de ciência e pesquisa de certa forma contribuindo também para as teorias raciais, a serem desenvolvidas.

No capítulo IV, podemos perceber a referência ao Instituto Histórico Geográfico Brasileiro – IHGB, que teria como objetivo (re) criar uma história nacional, podemos até dizer oficial, entre estes, a inclusão dos pretos e indígenas brasileiros, a constituição da “verdadeira história de formação do povo brasileiro”, ou seja, buscar a identidade, buscar a caracterização de um povo. A autora também trabalha a importância das faculdades, como a de São Paulo e Recife, como por exemplo o curso de Direito ao qual ela faz parte, uma vez que chegou ao Brasil por advento da corte portuguesa. O curso de Direito segundo a autora, com grande disputa na época por uma vaga pelos burgueses e aristocratas, porém, existia uma diferença também entre as duas faculdades dessas grandes cidades, enquanto que São Paulo buscava-se criar políticos e burocratas, já na cidade de Recife buscava-se criar cientistas, no entanto ambas não deixavam de realizar e transmitir ideias racistas em seus âmbitos. Também podemos perceber a menção sobre as faculdades de Medicina no Rio de Janeiro e no estado da Bahia, sendo criadas quase no mesmo período das faculdades de Direito. Entretanto, a faculdade de Medicina do Rio de Janeiro tinha como realização e objetivo a cura das doenças tropicais do período histórico, enquanto a faculdade de Medicina da Bahia procurava pensar sobre as questões do cruzamento racial e a problematização que envolvia o Brasil e sua população e quais crimes raciais cometiam os brasileiros.

Em suma, podemos dizer que a obra trabalha e analisa os períodos de trajetória quanto as questões raciais no Brasil e a busca pela identidade deste com base em fatos historiográficos e etnográficos de determinada época e deixar assim que perpassem por um processo de criminalização racial e a forte recorrência das teorias raciais.

Podemos dizer que no caso do Brasil, a abordagem de língua inglesa corresponderia a linguística textual, teoria do texto, podemos dizer que é uma área que se preocupa mais com questões relacionadas a coesão, coerência... E que os estudos vão numa direção diferente da abordagem da análise do discurso propriamente dita e com vertente francesa, tem interpretações, relações com o discurso, e em sua relação com o contexto social e ideologias.

No Brasil, a abordagem francesa é comumente denominada de “análise do discurso”, logo, irei me ater somente a esta “variante”, mostrar um pouco sobre as aulas e o material provocado e discutido nas aulas. O surgimento e consolidação da Análise do discurso, uma vez que falando sobre, não podemos esquecer de citar Michel Pêcheux, quando surgiu na década de 1960, este pensador vê então a análise do discurso como uma teoria do sentido que para se chegar a esta visão, então o autor busca criar um modelo de análise da linguagem, das

emoções e impulsões efetivas que tenham e que se inspirem na contribuição de três grandes áreas: linguística (código linguístico), Marxismo (ideologia) e psicanálise (sujeito).

Podemos perceber então a formação de uma nova ciência, de uma nova área, que poderá então trabalhar com a convergência, com a reunião de conceitos, vindos dessas três matrizes do conhecimento citadas anteriormente, já vigentes num passado não tão distante. Se pensarmos como a linguística concebia as questões da linguagem numa época anterior a nossa, poderíamos perceber a ruptura necessária para a formulação das concepções da análise do discurso. Esta linguística, também chamada de linguística-estrutural concebe a língua como uma espécie de sistema, em que todos os elementos, todas as posições se fazem dentro desse próprio sistema, seja este na fonologia, na morfologia, na sintaxe, na semântica, se definem, podemos dizer, pela opção dos elementos formais, dentro de um mesmo sistema. Contudo, poderíamos dizer que a linguística saussuriana, fazia uma oposição a língua (sistema) e fala (uso decorrente desse sistema).

Então para o estruturalismo, estudo do sentido estava vinculado ao sistema, sendo assim, a ruptura então diz que a teoria do sentido teria que ser uma teoria ligada a “fala”, ligada ao uso, e não ligada a forma como esta se dá, ao sistema linguístico. Logo, a análise do discurso propõe um estudo do sentido pensando na linguagem em uso, e nesta linguagem considerando de certa forma a posição do sujeito falante dentro das insituições de que este ou esta participa e partir disso, de uma veiculação ideológica, logo há uma diferença significativa entre a perspectiva vinda da linguística e a perspectiva da análise do discurso, sendo que esta última recebe a contribuição de uma sociologia marxista e da psicanálise. Os estudiosos destas áreas, dando um pouco mais de foco a análise do discurso conhecem e reconhecem a existência de três fases na conslidação dos estudos teóricos das disciplinas sobre esse tema.

Na primeira fase há a preocupação da veiculação dos discursos e da ideologia, esta veiculação por sua vez é feita a partir de uma incorporação do conceito de ideologia formulada principalmente pelo auto-ser, e assim a partir de uma visão, de uma autonomia discursiva, de cada discurso, de cada abordagem, de cada posição ideológica. Neste primeiro conceito, há um interesse principalmente em estudar discursos políticos e tentar caracterizar quais seriam as marcas e os discursos vinculados a esse aspecto encontrado na sociedade contemporânea. Pensando nisso, cada discurso tem uma certa autonomia, por exemplo, se tomarmos como verdade um discurso de um líder sindical, dentro de uma convenção de um

partido X, então teríamos uma forma de caracterização que tanto o sujeito que vai proferir o discurso quanto a sua plateia estariam estes dentro de uma mesma formação ideológica.

As formações discursivas se caracterizam por um processo de delimitação recíproca, por exemplo, se um campo religioso, no qual temos diversas formações discursivas dentro deste campo religioso: cristã, espírita, mulçumana, logo todas elas estariam trabalhando com temáticas semelhantes e suas caracterizações e ideias passam pela chamada delimitação recíproca, aproximam-se em determinados pontos, mas se diferenciam em outros, e a partir da comparação podemos caracterizá-las segundo suas formações discursivas religiosas que coexistam num mesmo momento histórico.

REFERÊNCIAS

• BOLÍVAR, A. **Crítica y construcción de teoría en el análisis de discurso latino-americano**. In: SILVA, D. E. G.; PARDO, M. L. Passado, presente e futuro dos estudos de discurso na América Latina: livro homenagem aos 20 anos da Associação Latino Americana de Estudos do Discurso. Brasília: Universidade de Brasília, 2015. p. 11-27. 221p.. Disponível em: <https://revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/view/3934>.

• COUTINHO, Carlos Nelson; NOGUEIRA, Marcos Aurélio (Orgs.). **Gramsci e a América Latina**. Gramsci e a América Latina.

Paz e Terra. 1988.

CESTARI, Mariana Jafet. **Por uma tomada de posição feminista e antirracista na análise de discurso**. In: ZOPPI FONTANA, Mónica; FERRARI, Ana Josefina (Orgs). Mulheres em discurso: identificação de gênero e práticas de resistência – vol. 2. Campinas: Pontes Editores, 2017, p. 183-204.

DIAS, C. **Textualidades seriadas: entre a repetição, a regularização e o deslocamento**, o caso dos memes. RASAL Lingüística, Buenos Aires, Argentina, n. 2, p. 55–74, 2019.

FREITAS, M. T. A. Bakhtin e a psicologia. In: FARACO, C.A. et al. Diálogos com Bakhtin Curitiba: Editora da UFPR, 1996. p. 165-187.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Coord. trad. rev. técnica e pref. I. Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. => Foco na leitura: Introdução + Capítulo 1 (p. 19- 59).

• GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo. **Colonialismo interno (uma redefinição)**. In: BORON, Atilio (et al.). A teoria marxista hoje. Problemas e perspectivas. Buenos Aires: CLACSO, 2007.. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/formacion-virtual/20100715084802/cap19.pdf>.

• IANNI, Octavio.. **A questão nacional na América Latina** . Estudos Avançados, 2(1), 5-40.. 1988. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8474>..

MODESTO, Rogério. **Os discursos racializados**. In: Revista da Abralin, v. 20, n. 2, 2021, p. 01-19.

• NETTO, José Paulo. **Nota sobre o marxismo na América Latina**. Novos Temas. Revista do Instituto Caio Prado Jr. Salvador/São Paulo, Quarteto/ICP, n. 5/6, 2012, p. 43-60.

ORLANDI, E. Parte III. **Dispositivo de Análise**. In: ORLANDI, E. Análise de Discurso: princípios e procedimentos. São Paulo: Pontes, 2002. p. 59-96

• ORLANDI, E. **A Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil**. In: INDURSKY, F.; LEANDRO FERREIRA, M. C. (org.) Michel Pêcheux e a Análise do Discurso: uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz, 2005, p. 75-88.. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/1SEAD/Conferencias/EniOrlandi.pdf>

ZAVALA; V; BACK, M. **Introducción: la producción discursiva de identidades racializadas**. In: Back, Michele and Zavala, Virgina. Racismo y lenguaje. Pontificia Universidad Católica del Perú, Fondo Editorial, 2017, p. 11-38. Faculty Published Works. 1. Disponible en: <https://opencommons.uconn.edu/facpubworks/1> Acceso en: 23 nov. 2022.